



Feminismo em Diálogo: A Influência de Simone de Beauvoir na Construção do Feminismo Liberal de Betty Friedan

Feminism in Dialogue: The Influence of Simone de Beauvoir on the Construction of Betty Friedan's Liberal Feminism

Danubia Faria de Almeida ¹

Débora El-Jaick Andrade ²

RESUMO

Nesse artigo pretendo apresentar uma perspectiva comparada entre as obras que foram referência feminista na década de 1950-60 – *Segundo Sexo* de Simone de Beauvoir e *A Mística Feminina* de Betty Friedan - e apresentar como a metodologia beauvoiriana contribuiu na construção de uma nova vertente: o feminismo liberal estadunidense.

PALAVRAS-CHAVE: Feminismo existencialista. Feminismo liberal. Betty Friedan. Simone de Beauvoir. Estudos de gênero.

ABSTRACT

This article intends to present a comparative perspective between the works that became feminist references in the 1950s-60s: The Second Sex by Simone de Beauvoir and The Feminine Mystique by Betty Friedan, and to demonstrate how Beauvoirian methodology contributed to the development of a new strand: American liberal feminism.

KEYWORDS: Existentialist feminism. Liberal feminism. Betty Friedan. Simone de Beauvoir. Gender studies.

* * *

Introdução

Dentre as inúmeras transformações do século XX, nos deparamos com um movimento feminino que vai ao encontro de um novo cenário mais favorável para as mulheres. Saindo do âmbito privado para o âmbito público, elas lutam por igualdade e direitos civis na contemporaneidade, passando a

¹ Doutoranda no Programa de Pós-graduação em História Comparada pela Universidade Federal do Rio de Janeiro, Brasil. E-mail: danubiaa@id.uff.br

² Professora Doutora Associada do Departamento de História da Universidade Federal Fluminense, Campus Campos dos Goytacazes, Brasil. E-mail: debeljaick@gmail.com

ocupar de forma ativa e participativa seu lugar na sociedade. A segunda onda do feminismo ficou conhecida como um período em que o movimento das mulheres ganhou um cunho teórico-científico, e teve por objetivo estruturar argumentos que colocassem abaixo determinismo biológico que fazia com que as mulheres permanecessem sem autonomia e silenciadas. Nesse processo, houve uma estruturação nos movimentos feministas que possibilitou relacionar e avançar na perspectiva teórica e prática, que envolve tanto uma reflexão quanto uma ação.

Dentre essas transformações no universo feminino, uma grande referência surge na década de 1950; um fenômeno, que se faz útil até os dias atuais com sua contribuição aos estudos de gênero. Simone de Beauvoir surge como uma importante peça nessa fase do movimento feminista através da sua obra *O Segundo Sexo*, que abrange várias áreas da ciência – sociologia, psicologia, história, biologia, entre outras – a fim de argumentar contra o discurso determinista do sexo que impedia que as mulheres ocupassem lugares distintos na sociedade. Sua obra foi de grande contribuição ao feminismo da época e, igualmente, influenciou diversas autoras que desenvolveram suas próprias perspectivas a partir dessa iniciativa.

O pensamento beauvoiriano se perpetuou através do mundo, proporcionando uma visão identitária feminina em diversos aspectos. Contudo, quem manteve a sua posição de profeta da emancipação feminina nos Estados Unidos foi Betty Friedan. A jornalista e autora da obra *A Mística Feminina* utilizou da mesma metodologia e referência contida no *Segundo Sexo* para construir o perfil de identidade da mulher branca suburbana de classe média estadunidense através de sua obra, que carrega os aspectos da vida norte-americana e destaca os sofrimentos das mulheres da década de 1950. Vítimas do “problema sem nome”, as mulheres confinadas em suas vidas domésticas, segundo a autora, sofrem de um mal que estaria associado às funções de donas do lar, uma vez que sempre citavam o seu dia-a-dia ao tentar expressar o que sentiam. (FRIEDAN, 2020, p. 19)

Tornou-se uma referência feminista estadunidense, Friedan, apesar de utilizar da mesma metodologia de Beauvoir, se destaca como precursora do movimento nos Estados Unidos. Mas o que proporcionaria essa preferência por parte das estadunidenses? Haveria um propósito político em torno da obra de Friedan? Por que Simone de Beauvoir deveria ser evitada em território norte americano? Todos esses questionamentos têm um propósito: havia uma preocupação política-ideológica na produção da *Mística Feminina*, o que proporcionaria um certo controle em relação a um movimento que tinha não só propósito identitário das mulheres, mas uma visão política com fortes críticas ao capitalismo.

Betty Friedan: a profeta do feminismo liberal estadunidense

A autora Sandra Dijkstra, em seu texto *Simone de Beauvoir and Betty Friedan: the politics of omission*, levantou questionamentos sobre o propósito da obra de Friedan. Dijkstra afirma que o livro *A Mística Feminina* se aproxima mais de uma obra “desradicalizada e pragmática”, do que uma real leitura teórica de um problema que de fato se aproxima das situações das mulheres.

Examinando o processo pelo qual Friedan (consciente ou inconscientemente) “traduziu” o texto de 1949, podemos perceber com mais clareza a radical mensagem de *O Segundo Sexo*, que ainda permanece sendo o único caminho mais completo de compreender a situação das mulheres modernas a partir de uma perspectiva histórica, econômica, psicológica, sociológica e literária. (DIJKSTRA, 1980, p. 290) (tradução nossa)

A obra fazia parte de um projeto que envolvia as estruturas sociais, econômicas e políticas, assim como os intelectuais e predileções ideológicas, a fim de que *A Mística Feminina* fosse bem aceita entre as mulheres e a mídia estadunidense. Quando a primeira tradução do *Segundo Sexo* chegou nos Estados Unidos, o mesmo enfrentou uma série de obstáculos ideológicos. O momento político em torno desse período histórico incluía o silenciamento e forte temor promovidas nos anos de Mc Carthy³ no país, onde Simone de

³ Joseph Raymond McCarthy foi um político norte-americano que passou a ser conhecido por suas declarações: de que havia um grande número de comunistas, espiões soviéticos e simpatizantes dentro do governo federal norte-americano.

Beauvoir se encontrava na lista de suspeitos por simpatia ao movimento Marxista, mesmo a autora sendo declaradamente existencialista e crítica ao “monismo econômico” de Engels. (DIJKSTRA, 1980, p. 290)

Quando perguntada, em uma entrevista por Luce Guilbeault⁴, em 1975, sobre *O Segundo Sexo* ter mais impacto nos Estados Unidos do que na França, Simone de Beauvoir afirma não saber sobre esse impacto, mas se sentiu muito mais confortável a recepção estadunidense sobre sua obra, do que a recepção francesa. Afirmando ter sido, muito mais “barulhenta” e “escandalosa” na França, tendo atraído o ódio de muitos homens franceses por terem se sentido ridicularizado; nos Estados Unidos, “o livro foi recebido com muito mais calma, de forma muito mais “desapegada””, com a chegada do seu livro em inglês. Somente após 25 anos do seu lançamento, Beauvoir recebeu inúmeras cartas mulheres francesas e percebeu que seu livro teve um verdadeiro impacto – “impacto íntimo, especial e pessoal”. *O Segundo Sexo* não teve um grande impacto para as mulheres estadunidense, pois ele foi diálogo com as mulheres francesas antes de ser um diálogo internacional, afirma Beauvoir. (BEAUVOIR; GUILBEAULT, 2008, pp. 413-420)

A obra de Simone de Beauvoir foi motivo de preocupação por parte dos liberais estadunidense. A revista *The Nation*, detentora de princípios liberais, alertou os leitores a terem cautela ao ler a obra. O estudo de Beauvoir sobre a “peculiar natureza” da opressão feminina seria muito radical para a América dos anos cinquenta. Sua conclusão, quanto a mudança na condição feminina, não dependeria somente da condição econômica por si só, “continua sendo o fator básico”, era inaceitável. Apesar de sua crítica a natureza abstrata e imaterialista em sua primeira declaração feminista em 1953, sua posição se tornara muito objetivo ao gosto americano. (BEAUVOIR; GUILBEAULT, 2008, pp. 413-420)

⁴ Entrevista realizada durante as filmagens do documentário *Some American Feminists* da diretora quebequense Luce Guilbeault, (1975).

Outros obstáculos ideológicos também cercavam *O Segundo Sexo*. O seu propósito de uma salvação pública foi substituído por uma ética mais individualizada. O período pós guerra trouxe às mulheres o desestímulo na força de trabalho. (DIJKSTRA, 1980, p. 291) Friedan retrata sobre esse período histórico na vida da mulher estadunidense em sua obra, onde a tática utilizada foi a reintrodução ao culto da verdadeira feminilidade. A exaltação da maternidade em tempo integral foi tratada como a verdadeira profissão da mulher, e carreira profissional foi vista como desviante e má. (FRIEDAN, 2020, p. 46) Contudo, essa retirada das mulheres do meio trabalhista não foi tão radical como Friedan relata. Apesar dos anos cinquenta ter sido marcado por uma revitalização familiar e um *baby boom*, também ficou marcado pela duplicação do emprego feminino fora de casa. O período também registrou a entrada das mulheres no mercado de trabalho, apesar da insistente designação da mulher pela mídia como “dona de casa/mãe”, as mulheres também rejeitaram esse papel da vida cotidiana. Essa parte da história foi diagnosticada pelos sociólogos da época como “conflito de papéis”. Dijkstra afirma que possivelmente essa diferença entre o modelo cultural predominante e o papel econômico real das mulheres levaria a um renascimento do feminismo. (DIJKSTRA, 1980, p. 291)

Podemos identificar também as diferentes perspectivas entre as autoras. Apesar de Simone de Beauvoir recomendar a autonomia econômica feminina e admirasse a mulher independente, se questiona o fato de sua obra ter sido promotora do ingresso de mulheres no mercado de trabalho. Além disso, o objetivo do livro de Simone de Beauvoir não foi atingir as massas, pois sua obra não contou com um perfil de manual de fácil leitura contendo conselhos práticos, atingindo assim um impacto imediato e mais perceptível. Sua obra contou com um padrão filosófico, com premissas abstratas e intenções mais eminentes. Com um questionamento natural da filosofia, a autora inicia sua obra com a pergunta: “O que é ser mulher?”, com o objetivo de analisar a submissão histórica da mulher diante o homem e descobrir como se iniciou esse padrão social. O tratado filosófico baseado em metodologias

psicanalíticas e materialistas serviu para mostrar a seriedade e a competência da autora, contudo, esse modelo pode ter sobre carregado o leitor estadunidense. (DIJKSTRA, 1980, p. 292)

O padrão intelectual francês pode ter acarretado a diminuição a acessibilidade ao livro. Dijkstra afirma que compreender e rastrear o impacto do livro *O Segundo Sexo* é uma tarefa difícil, pois, em 1949, em que ocorreu esse levantamento histórico da vida das mulheres e sua situação atual, assim como a questão do *status* das mulheres, o interesse sobre os assuntos era inexistente. E as mulheres que eram bem dispostas ao feminismo, pareciam relutar sobre o impacto do livro sobre elas. Antes mesmo de ocorrer uma transformação econômica profunda, *O Segundo Sexo* proporcionou às mulheres uma visão sobre a natureza social (e universal) de sua difícil situação. Roberta Salper, que contribuiu para o programa de estudos femininos em *San Diego State University*, em 1970, afirma o efeito do livro da seguinte forma: “Comecei a perceber que a minha condição de mulher era um problema social, não apenas uma neurose boba”. (SALPER apud DIJKSTRA, 1980, p. 293)

Segundo Dijkstra, *O Segundo Sexo* deu às mulheres a identificação de um problema coletivo, também esclareceu a necessidade de uma ação coletiva. Esse seria possivelmente o motivo pela qual a obra se manteve subterrânea por tantos anos em território estadunidense. O exercício de liberdade, segundo Beauvoir, só poderia ser exercido em revolta (DIJKSTRA, 1980, p. 292):

é o único caminho aberto [...] os caminhos do futuro [...] não há, para a mulher, outra saída senão a de trabalhar pela sua libertação. [...] Essa libertação só pode ser coletiva e exige, antes de tudo, que se acabe a evolução econômica da condição feminina. Entretanto, houve, há ainda, numerosas mulheres que buscam solitariamente realizar sua salvação individual. (BEAUVIOR, 2016, p. 439)

Podemos observar que Simone de Beauvoir utiliza de fortes palavras para expressar seu pensamento, bem avançados para a época. O uso dos princípios filosóficos e o polêmico assunto abordado, não despertou nas

estadunidenses grandes interesses, fazendo com que *O Segundo Sexo* não tivesse grande impacto no público feminino americano.

A resposta encontrada por Sandra Dijkstra a subpopularidade de Beauvoir, encontra-se no próprio livro *A Mística Feminina* de Betty Friedan. A obra serviu como um “tradutor” responsável por reunir ideias e com uma teoria menos radical e mais legível, transmitindo, ainda que parcialmente, às massas. Dez anos separaram a tradução do inglês do *O Segundo Sexo* de seu descendente ilegítimo *A Mística Feminina*. Mesmo com tantas semelhanças, Friedan demorou mais doze anos para reconhecer o parentesco existente entre ambos. Friedan afirma em suas primeiras palavras que nasceu de um “ponto de interrogação pessoal” que a levou a desenvolver o projeto e pesquisar dentre os seus colegas de classe de Smith College essa temática. Apesar de citar “uma francesa chamada Simone de Beauvoir” (FRIEDAN, 2020, p. 17), sem a oferecer os devidos créditos de sua inspiração. Contudo, mais tarde Friedan a chamaria de “uma heroína intelectual da nossa história”. (FRIEDAN, 1975, pp. 12-21) (tradução nossa)

O intuito da obra feminista estadunidense seria amenizar os impactos que a obra de Simone de Beauvoir poderia causar. “Palavras como “emancipação” ou “carreira” soavam estranhas e constrangedoras; fazia anos que ninguém as usava.” (FRIEDAN, 2020, p. 17) Ao utilizar seu próprio vocabulário, proporcionou a sua obra um ar de originalidade e esplendor, oferecendo aos seus leitores um livro mais leve e revolucionário, além de uma nova mística “o problema sem nome”. (DIJKSTRA, 1980, p. 293) Mais tarde, em 1957, em uma entrevista à Simone de Beauvoir, Betty Friedan admite, mesmo que parcialmente, que sua jornada, foi compelida pela filósofa, e que irá contribuir no direcionamento de mulheres em um novo rumo.

Supor o que realmente me fez ir ver Simone de Beauvoir foi um sentimento de que alguém deve saber a resposta certa, alguém que sabe com toda a certeza de que as mulheres que jogaram fora aqueles velhos mapas enganadores estão indo em direção certa, alguém deve ver com mais clareza do que eu onde termina a nova estrada. (FRIEDAN, 1975, pp. 12-21) (tradução nossa)

Apesar de não admitir completamente a influência de Simone de Beauvoir em sua obra, afirmou:

Eu nunca conheci Simone de Beauvoir, mas aprendi meu próprio existencialismo com ela. Foi *O Segundo Sexo* que me apresentou uma abordagem existencial da realidade e da responsabilidade política – que na verdade, me libertou das rubricas da ideóloga autoritária e me conduziu a qualquer análise original da existência das mulheres com a qual fui capaz de contribuir” [...] “Procurei em Simone de Beauvoir, portanto, uma autoridade filosófica e intelectual para meu próprio existencialismo. (FRIEDAN, 1975, p. 12-21) (tradução nossa).

Podemos observar que, apesar de não atribuir todo o crédito a Simone de Beauvoir pela direta influência em sua obra, Friedan admite as ligações diretas e a importantes referências oriundas da filósofa francesa. Ela afirma que *O Segundo Sexo* teria introduzido a autora ao existencialismo, mas não no feminismo.

Em um outro episódio muito interessante que envolve a visão de uma autora sobre a outra, percebemos que Simone de Beauvoir toma conclusões diferentes sobre essa mesma circunstância. Apesar da hesitação de Friedan em dar créditos à Simone de Beauvoir, a própria autora francesa, em uma entrevista à John Gerassi em 1976, afirma reconhecer sua influência sobre outras autoras. Quando questionada sobre ser uma referência para o feminismo contemporâneo, Beauvoir responde:

Mas não foi *O Segundo Sexo* que desencadeou o movimento. A maior parte das mulheres que se tornaram ativas no movimento era muito jovem quando o livro foi lançado, em 1949-50, para serem influenciadas por ele. [...] Certamente algumas mulheres mais velhas — Betty Friedan, por exemplo, que dedicou *The Feminine Mystique* (*A Mística Feminina*) a mim — tinham lido *O Segundo Sexo* e talvez tenham sido influenciadas por ele de algum modo. Mas as outras, de forma alguma. (BEAUVOIR; GERASSI, 1979)

Na entrevista dada em 1975, por Luce Guilbeault, quando questionada a possibilidade de também ter sido influenciada por feministas americanas em seu trabalho, Simone de Beauvoir afirma que a contribuição delas foram muito importantes e estimulou seu pensamento:

[...] não me arrependo de nada sobre *O Segundo Sexo* hoje, mas realmente não vai longe o suficiente. E algumas pesquisas de feministas americanas certamente foram mais ousadas, particularmente em termos do que eu chamaria de feminismo propriamente dito. Hoje, criticaria *O Segundo Sexo* por ter confiado demais no futuro da sociedade em geral e, por exemplo, no que pensei que seria o triunfo do socialismo. [...] Foi exatamente isso que descobri no trabalho das feministas americanas que, há um livro que gostaria de mencionar, porque não acho que tenha sido suficientemente reconhecido nem nos Estados Unidos nem na França — um livro de Shulamith Firestone chamado *A dialética do sexo*, do qual gostei muito: incluía coisas sobre racismo, infância, e a emancipação paralela de mulheres e crianças que eu achava excelentes e me faziam pensar. Claro que li Betty Friedan na época dela, e também li Kate Millett, cujo livro achei muito interessante. Na verdade, prefiro o livro mais recente dela, que é interessante e muito rico em experiência feminista. Li também Firestone e vários outros livros produzidos por grupos de mulheres, nos quais encontrei muitas ideias que não contradiziam as minhas, mas que muitas vezes iam além. Às vezes eu notava uma ou duas contradições, mas geralmente era eu que estava errada, e as feministas americanas que estavam certas em ir mais longe do que eu. Elas me influenciaram muito e me levaram a desenvolver ainda mais minhas ideias. (BEUVOIR; GUILBEAULT, 2008, pp. 413-420) (tradução nossa)

Mesmo em 1963, sendo *O Segundo Sexo* ainda era demasiado avançado para o público feminino estadunidense; o que levou o destaque de Betty Friedan foi a tática adotada e a estratégia literária que atendeu diretamente o público alvo. Dijkstra afirma que diferentemente de Beauvoir, que analisou instituições que oprimiam diretamente as mulheres como: trabalho doméstico, maternidade, casamento; Friedan destacou os inimigos superficiais como: a mídia, as ciências sociais e o consumismo, sendo esses os meios, e não a causa pela qual os problemas das mulheres são ideologicamente mantidos e reforçados. Tornando a solução bem mais simplificada, onde bastaria “dizer ‘não’ à mística feminina”. (DIJKSTRA, 1980, p. 295)

É possível perceber que a visão de Betty Friedan é bem mais reducionista que Simone de Beauvoir. Enquanto a filósofa francesa almeja destruir e reconstruir as instituições que aprisionam as mulheres, Friedan propõe “dizer ‘não’ à imagem de dona de casa” (FRIEDAN, 2020, p. 433), apresentando como uma solução básica para resolver o problema. A falta de análise por parte da autora estadunidense quanto aos efeitos do serviço doméstico nas mulheres, proporcionou uma contradição da autora. Ela propõe uma nova percepção das mulheres aprisionadas nessa atividade: “O primeiro

passo é enxergar o trabalho doméstico pelo o que ele é: não uma carreira, mas algo que deve ser feito tão rápida e eficientemente quanto possível.” (FRIEDAN, 2020, p. 434) Dijkstra nos chama atenção para uma possível contradição da autora. Uma vez que se aconselha a eficiência no trabalho doméstico, Friedan sugere, ainda que indiretamente, a compra de dispositivos que facilitariam a vida doméstica, endossando a ideia de consumismo. (DIJKSTRA, 1980, p. 295)

De maneira diferente, Beauvoir dispõe de uma problematização sobre o trabalho doméstico de maneira mais avassaladora:

Há poucas tarefas que se aparentem, mais do que as da dona de casa, ao suplício de Sísifo; dia após dia, é preciso lavar os pratos, espanar os móveis, consertar a roupa, que no dia seguinte já estarão novamente sujos, empoeirados, rasgada. A dona de casa desgasta-se sem sair do lugar; não faz nada, apenas perpetua o presente; (BEAUVIOR, 2016, p. 224)

Simone de Beauvoir destaca que o trabalho doméstico não é durável, resulta na deformação da personalidade da mulher, e avalia o pedágio psicológico que esse trabalho acarreta.

Assim como foi abordada de forma superficial a questão da dona de casa por Friedan, a situação da esposa também não rende grandes análises. A estadunidense sugere que as mulheres se livrem da imagem do casamento como é na mídia e passe a “vê-lo como realmente é”. (FRIEDAN, 2020, p.434) Mais uma vez Friedan coloca a responsabilidade da libertação na mulher de forma individual, que só precisa ver a verdade diante de si para que consiga a sua libertação. (DIJKSTRA, 1980, p. 296) Obviamente, essa iniciativa do reconhecimento do problema seria o primeiro passo para a libertação feminina; contudo, não se resumiria a isso. Beauvoir sugere encontrar o fundamento do problema dentro da própria instituição: “Não são os indivíduos os responsáveis pelo fracasso do casamento [...] a própria instituição, desde a origem, pervertida”. (BEAUVIOR, 2016, p. 273) Beauvoir faz uma análise bem apurada de um possível destino opressor e pouco recompensador para as mulheres; tanto nos termos sexuais quanto profissionais: “Trata-se e transcender para o interesse coletivo a união econômica e sexual do homem e

da mulher, e não de assegurar uma felicidade individual." (BEAUVOIR, 2016, p. 196) A filósofa identifica a diferença entre o propósito do casamento para o homem e para a mulher, abrindo caminho para futuros debates sociológicos sobre o tema. Beauvoir avança, e afirma que "o casamento, pretendo regular o erotismo feminino, na realidade o assassina." (BEAUVOIR, 2016, p. 196)

Além desses levantamentos, a autora francesa consegue ver a relação da situação das mulheres no casamento com o contexto político internacional, e se baseia pelas metáforas colonialistas para correlacionar o *status* de dependência das mulheres diante o "imperialismo caprichoso" do seu senhor, no caso, seu marido. (BEAUVOIR, 2016, p. 196) O casamento se torna uma garantia para a mulher, e a solução ofertada por Friedan, dificilmente seria o suficiente para solucionar o problema. Assim como a questão da maternidade:

Mesmo uma mulher muito jovem hoje em dia deve pensar em si mesma primeiro como ser humano, não como mãe com tempo livre e fazer um plano de vida de acordo com as próprias capacidades, seu compromisso com a sociedade, com o qual devem ser integrados seus compromissos de esposa e mãe. (BEAUVOIR, 2016, p. 196)

Mais uma vez Friedan reforça a iniciativa individual como a solução do problema; contudo, quando analisamos os pensamentos filosóficos de Beauvoir, percebemos que a solução preconizada por Friedan, dificilmente seria o suficiente. O seu papel ao simplificar as questões feministas da época foi alcançada, proporcionando o aumento de interesse dos leitores em sua obra, que tinha como foco o indivíduo como principal responsável de sua livre escolha. O preconceito de Friedan a impediu de enxergar as diferenças de classes existentes entre as mulheres, que têm o direito do livre arbítrio. Entrando mais uma vez em contradição ao sugerir que ambos os papéis "integrados", propõe a própria ideologia de "funcionalismo" e "ajustamento" que a mesma criticava nas ciências sociais e seu posicionamento contra, conforme consta em sua obra. A solução encontrada por Friedan para o "problema sem nome" está baseado no *sonho americano*. Dijkstra afirma que seus princípios são baseados na ação: ambição e competição são as principais bases da sua solução. (DIJKSTRA, 1970, p. 296)

Entre outros assuntos tratados com mais profundidade por Simone de Beauvoir, encontramos o tema da maternidade. Responsável pela origem da existência, a mulher tornou inferior pelo fato “de ela ter-se limitado a repetir a vida”. (BEAUVOIR, 2016, p. 328) Afim de corrigir esse estigma, se faz necessário dissipar o mito do instinto materno, pois a maternidade não seria o suficiente para realizar uma mulher: “Afirmar que o filho é o fim supremo da mulher tem exatamente o valor de um *slogan* publicitário.” (BEAUVOIR, 2016, p. 326) Assim como afirmar que: “o filho encontra uma felicidade segura nos braços maternos” (BEAUVOIR, 2016, p. 326), faz com que a mãe se torne o principal amparo para ao filho, sendo o pai, proprietário dos seus próprios conflitos e dramas, a companhia menos desejável. A construção social que direciona a mulher como um “instrumento passivo da vida” a serviço da espécie. (BEAUVOIR, 2016, p. 295)

Em uma entrevista dada a Margaret A. Simons e Jessica Benjamin, em 1979, no trigésimo aniversário de *O Segundo Sexo*, Simone de Beauvoir afirma que mudando o conceito de maternidade e a ideia de instinto materno, haverá uma mudança social completa. Pois, diante da ideia de vocação feminina, encontramos mulheres escravizadas no lar, escravas do marido e das tarefas domésticas, entre outras funções, frente ao determinismo biológico atribuído a elas.

As mulheres querem ter filhos e eu não tenho nada contra. No entanto, acredito que no mundo de hoje, o mundo como é em nossa civilização ocidental, a maternidade é uma armadilha para as mulheres porque escravizam-nas ao homem, ao lar. Eles são arrastados de volta para o interior deste sistema que as feministas querem destruir.” (SIMONS; BENJAMIN, 1979, pp. 330–345) (tradução nossa)

Romper o mito é um propósito da filósofa francesa, que acredita que o determinismo biológico é um principal fator que detém a prosperidade feminina. “A maternidade forçada leva a botar no mundo crianças doentias, que os pais serão incapazes de alimentar, que se tornarão vítimas da Assistência Pública, ou “crianças mártires”.” (BEAUVOIR, 2016, p. 280) Beauvoir ataca, assim a hipocrisia da sociedade burguesa que considera o aborto um crime e defende soluções modernas (DIJKASTRA, 1980, p. 297): “O

controle de natalidade e o aborto legal permitiriam à mulher assumir livremente suas maternidades.” (BEAUVOR, 2016, p. 289)

A falta de aborto legal seria um “crime de classes”, uma vez que a classe mais prejudicada seriam as mulheres pobres. A liberdade das mães estaria diretamente ligada a contribuição por parte da responsabilidade comunitária pelo cuidado dos filhos; uma sociedade devidamente organizada, as crianças seriam assumidas pela comunidade e a mãe seria cuidada e ajudada, a maternidade não seria totalmente conflitante com os interesses profissionais e de carreira da mulher (DIJKASTRA, 1980, p. 297):

Se atualmente muitas vezes a mulher tem dificuldade em conciliar o ofício, que a retém durante horas fora do lar e lhe toma todas as forças, com o interesse de seus filhos, é porque, por um lado, o trabalho feminino é ainda frequentemente uma escravidão, e, por outro, porque nenhum esforço se fez para assegurar o cuidado, a guarda, a educação das crianças fora do lar. Trata-se de uma carência social; mas é um sofisma justificá-la alegando que uma lei inscrita no céu ou nas entranhas da terra determina que a mãe e o filho se pertençam exclusivamente um ao outro; essa mútua pertinência não constitui, na verdade, senão uma dupla e nefasta opressão. (BEAUVOR, 2016, p. 328)

O Segundo Sexo nos faz deixar para trás os limites linguísticos e perceptíveis na classe média estadunidense da “síndrome da dona de casa feliz” para descobrir o processo pelo qual as mulheres passam a ser definidas como *Outro*. (DIJKSTRA, 1980, p. 298) Friedan trata o problema de maneira superficial e vaga, seguidos de soluções ineficientes quanto comparados ao contexto da definição de Beauvoir: que tem o propósito de “abolir a escravidão de metade da humanidade”. (BEAUVOR, 2016, p. 556)

Observa-se de maneira clara como Friedan conseguiu reduzir a radicalidade apresentada por Simone de Beauvoir. O livro reduz, significativamente, a proposta revolucionária contida na ‘segunda onda do feminismo’ para se encaixar nas propostas políticas e econômicas dos Estados Unidos. Se torna compreensível entender a distância entre as propostas, uma vez que a autora francesa é uma filósofa existencialista, que trata dos estudos de gênero de uma forma mais aprofundada e detalhista devido ao seu conhecimento de filosofia.

É através do reconhecimento do privilégio masculino, e a descoberta da origem da servidão das mulheres, que se chega à conclusão de que os “dois sexos nunca compartilharam o mundo igualmente.”

A humanidade é masculina e o homem define a mulher não em si mas relativamente a ele; ela não é considerada um ser autônomo. [...] Ela não é senão o que o homem decide que seja; daí dizer-se o "sexo" para dizer que ela se apresenta diante do macho como um ser sexuado: para ele, a fêmea é sexo, logo ela o é absolutamente. A mulher determina-se e diferencia-se em relação ao homem e não este em relação a ela; a fêmea é o inessencial perante o essencial. O homem é o Sujeito, o Absoluto; ela é o *Outro*.” (BEAUVOIR, 2016, p. 12)

A análise proposta pelo *O Segundo Sexo* apresentou a forma como a alteridade serviu para reforçar os privilégios masculinos, servindo de um importante e original ferramenta para compreender a situação da mulher. Essa subjugação partiu diretamente das diferenças biológicas, não havendo justificativas sociais, políticas, históricas ou econômicas que justifiquem a alteridade. (DIJKSTRA, 1980, p. 298) A cumplicidade da mulher não seria somente por razões de passividade no nível fisiológico, correspondentes às suas diferenças biológicas, ela depende também do seu opressor: “Recusar ser o Outro, recusar a cumplicidade com o homem seria para elas renunciar a todas as vantagens que a aliança com a casta superior pode lhes conferir.” (BEAUVOIR, 2016, p. 17) Essa possibilidade se torna ainda mais improvável porque as mulheres:

Não têm passado, não têm história, nem religião própria; não têm, como os proletários, uma solidariedade de trabalho e interesses [...] Vivem dispersas entre os homens, ligadas pelo habitat, pelo trabalho, pelos interesses econômicos, pela condição social a certos homens — pai ou marido — mais estreitamente do que as outras mulheres. (BEAUVOIR, 2016, p. 16)

A sugestão dada pela autora francesa para a queda do privilégio da casta existente no patriarcado, implica no reconhecimento da solidariedade das mulheres e, caso fosse preciso, uma revolta do sexo oprimido. Beauvoir compara a opressão dos gêneros ao dos colonizados, utilizando da análise da dialética Senhor-Escravo de Hegel, ela propõe um panorama para compreender o sexismo e o imperialismo como fenômenos de dominação

semelhantes, mesmo sendo diferente; a justiça pode nunca ser feito mediante a injustiça. (DIJKSTRA, 1980, p. 299)

Obviamente, Simone de Beauvoir vai distinguir as diferentes circunstâncias quando fez essa comparação; no entanto, as semelhanças encontradas possibilitaram com que ela ampliasse a sua compreensão quando a dependência da mulher e seu efeito sobre o seu caráter, com o intuito de esclarecer a importância da revolta da mulher. Essa análise feita por Beauvoir não chamou a atenção para os estudos Friedan, que escolheu investigar os aspectos menos alarmante do existencialismo (e feminismo) de Beauvoir, optando somente em dois principais pontos: a noção de livre escolha e a necessidade de carreiras para as mulheres. (DIJKSTRA, 1980, p. 229)

A única maneira para uma mulher, assim como para um homem, se encontrar, se conhecer como pessoa, é por meio do próprio trabalho criativo. [...] que não permitem a si mesmas desenvolverem interesses e objetivos vitalícios que requerem instrução e treinamento sérios [...] é quase tão certo para elas quanto é para aquelas que se mantêm na armadilha da esposa dona de casa – para um futuro inexistente. (FRIEDAN, 2020, p. 437)

O tipo de realização profissional possível para Betty Friedan era destinado somente às mulheres de classe média, que tinham a possibilidade de firmar compromisso com a arte ou a ciência, com a política ou profissão, sendo assim uma proposta individualista. Beauvoir também se preocupava com a realização da mulher, e declarou que a independência financeira a seguraria uma distância entre ela e o universo onde o homem seria seu mediador, se firmando como sujeito. Essa seria a relação mais próxima de Beauvoir com a promessa capitalista, a ideia de que se pode optar por alcançar a autonomia (DIJKSTRA, 1980, p. 299): “colocaremos a mulher num mundo de valores e atribuiremos a suas condutas uma dimensão de liberdade. Pensamos que ela tem que escolher entre a afirmação de sua transcendência e sua alienação como objeto” (BEAUVOIR, 2016, p. 79)

Apesar de escrever sobre o trabalho como liberdade, a autora tinha consciência de que esse não seria a solução, pois tinha a consciência de que a maioria dos trabalhadores eram explorados. E mais uma vez, podemos

lembra sobre sua posição quanto ao socialismo. Inicialmente o socialismo proporcionaria uma emancipação completa: “É fácil imaginar um mundo em que homens e mulheres seriam iguais, porquanto é exatamente o que prometera a revolução soviética.” (BEAUVIOR, 2016, p. 549) Contudo, descobriu que o socialismo como praticado na União Soviética, causou a “dupla servidão” das mulheres (“ao trabalho e à protetora”) continuou; assim, sua proposta consistia em sair, primeiramente, em defesa do feminismo.⁵(SCHWARTEZER, 1972, pp. 60-62 apud DIJKSTRA, 1980, nota 23) Em sua obra, *Segundo Sexo*, após esclarecer a natureza problemática inserida no trabalho não-livre, ressignificando seu otimismo liberal com uma forte dose de realismo socialista, ela optou por acreditar na necessidade de uma transformação radical na sociedade:

Por certo não se deve crer que baste modificar-lhe a situação econômica para que a mulher se transforme: esse fator foi e permanece o fator primordial de sua evolução; mas enquanto não tiver acarretado as consequências morais, sociais, culturais etc. que anuncia, e exige, a nova mulher não poderá surgir; atualmente não se realizou ela ainda em nenhum lugar, nem na U. R. S. S., nem na França ou nos Estados Unidos [...] (BEAUVIOR, 2016, p. 550) (tradução nossa)

Dijkstra ainda lembra a declaração de Beauvoir em um intervalo de trinta anos indicando que sua posição essencial não mudou tremendamente:

Minha própria [tendência] é querer vincular a libertação das mulheres à luta de classes. Eu sinto que a luta das mulheres, embora seja única, está ligada à luta mais ampla, que elas devem unir com os homens [...] os países socialistas não são realmente socialistas. O socialismo que Marx sonhou, que mudaria verdadeiramente a mulher, não foi realizado em nenhum lugar. (BEAUVIOR apud SCHWARTEZER, 1972, p. 60-62)

Há um posicionamento de Simone de Beauvoir – em um dado momento das suas reflexões – quanto à proposta do real agente libertador das mulheres ser o socialismo. Se faz necessário destacar que a visão capitalista não solucionaria a questão da opressão masculina, necessitando assim, promover uma política de igualdade onde o socialismo atenderia de maneira mais

⁵ Alice Schwartzezer, em “The radicalization of Simone de Beauvoir”: Suas palavras foram: “Por feminista, eu quis dizer lutar por demandas especificamente femininas independente da luta de classe[...] Minha própria [tendência] é querer vincular a liberação das mulheres à luta de classes” (tradução nossa)

ampla. Contudo, Beauvoir afirma a necessidade de avançar para além do *materialismo histórico*⁶ para analisar o papel da mulher e do homem na sociedade; seria necessário que a sociedade, através da educação, tenha acesso ao conhecimento sobre existencialismo e humanismo, sua utilidade e como colocá-los em prática, para que haja uma sociedade mais livre.

Deste modo, o destino da mulher e o socialismo estão intimamente ligados, como se vê igualmente na vasta obra consagrada por Bebel à mulher. "A mulher e o proletário, diz ele, são ambos oprimidos". É o mesmo desenvolvimento da economia a partir das modificações provocadas pelo maquinismo que os deve libertar uma e outro. O problema da mulher reduz-se ao de sua capacidade de trabalho. Forte na época em que as técnicas se adaptavam às suas possibilidades, destronada quando se tornou incapaz de explorá-las, ela volta a encontrar no mundo moderno sua igualdade com o homem. São as resistências do velho paternalismo capitalista que na maioria dos países impede que essa igualdade se realize: ela o será no dia em que tais resistências se quebrarem. Já o é na U.R.S.S., afirma a propaganda soviética. E quando a sociedade socialista tiver dominado o mundo inteiro, não haverá mais homens e mulheres, mas tão somente trabalhadores iguais entre si. (BEAUVOIR, 2016, p. 85)

Friedan, em contrapartida, prometia às mulheres americanas sua autorrealização dentro dessa sociedade, sem indicar a transformação das instituições; não só porque seu texto tinha o propósito 'facilitador', mas também porque sua disposição ideológica era a mais esperada, trazendo à *Mística Feminina* um impacto enorme. Na medida que em a autora conseguiu persuadir através dos seus argumentos que seria possível uma libertação através da igualdade dentro do sistema liberal, e que a educação, uma mudança de percepção, um "novo plano de vida" e uma reforma legal seria o suficiente para a emancipação feminina, o livro conseguiu reforçar a ideia de *status quo* e pregou um feminismo voltado para as mulheres de classe média.

Os apontamentos teóricos-políticos entre as autoras da revolução

Inicialmente podemos pautar que as distinções políticas ainda não eram totalmente identificadas no momento que as obras se tornaram conhecidas, mas hoje é possível reconhecer as vertentes em que autoras fazem

⁶ O materialismo histórico é uma teoria política, sociológica e econômica desenvolvida por Karl Marx e Friedrich Engels no século XIX.

parte – Betty Friedan se tornou representante do feminismo liberal e Simone de Beauvoir com o feminismo de esquerda existencialista.

Após discutir muito as filosofias e pensamento de Betty Friedan, encontramos sinais de que suas idealizações políticas a encaminhou para a política de esquerda radical da década de 1930 e 1940. (Jean Calterone WILLIANS, 2001, p. 149) O autor, Daniel Horowitz, que escreveu sua biografia, afirma que os primeiros compromissos de Friedan envovia o sindicalismo, antifascismo e antirracismo, que se amparam na política feminista. Apesar de apresentar sua obra como fruto do seu próprio cativeiro, a representação de Friedan sobre si mesma, como uma pessoa totalmente presa pela *Mística Feminina*, foi parte de uma reinvenção de si mesma para escrever e promover *A Mística Feminina*. A sua obra possibilitou aos eleitores se identificarem com seu autor para aumentar o apelo do livro. Contudo, Friedan ocultou a sua conectividade entre a atividade sindical da qual participou na década de 1940 e início de 1950. A origem do livro encontra-se muito mais cedo – em sua educação universitária e em suas experiências políticas sindicais. (Daniel HOROWITZ, 1996, p. 2)

A falta de radicalismo de Friedan despertou críticas a ela ao longo da vida, fazendo com que, na sua maturidade, admitisse que antes do casamento e por vários anos, ela participou de atividades radicais e trabalhou com publicações para os sindicatos. Ela e seus amigos de antes do casamento se consideravam “vanguardas da revolução da classe trabalhadora”, onde participava “de grupos de discussão marxistas”, indo para comícios políticos, e tendo “apenas desprezo pela triste burguesia capitalista do nosso país”. Foi no período pós-guerra que Betty Friedan se viu muito envolvida em lutas sociais, como afro-americanos, trabalhadores, a ameaça de guerra, anticomunismo e “divisões e cismas comunistas”. Foi nesse período, em que trabalhou como jornalista, que Friedan descobriu “o lado econômico da realidade americana”. (FRIEDAN, 1976, p. 8-9)

Neste período Friedan ainda não estava preocupada com a luta dos direitos das mulheres. Depois de fazer campanha para Henry Wallace em 1948, ponto onde ela descreve ser de viragem da sua vida, ela perdeu o interesse pela atividade política. As décadas de 1940 e 1950 foram o período que, afirmado pela autora mais tarde, ela foi exposta ao que ela chama de mística feminina ao aprender que a maternidade tomava o lugar de carreira e da política. Aparentemente, deu a impressão de que a autora estadunidense abraçou a domesticidade, a maternidade e o trabalho doméstico, mesmo admitindo que nem tudo na época era resultado da mística feminina. (HOROWITZ, 1976, p. 6)

Apesar de seus interesses terem sido iniciados como uma perspectiva radical e revolucionária, Betty Friedan se rendeu à mística feminina. Buscou a felicidade e realização como esposa, dona de casa e mãe dedicada. Apesar da sua obra denunciar os fatores sociais que aprisionam as mulheres na realidade estadunidense, a autora foi vítima dos interesses sociais capitalistas.

Considerada autora de um livro que representa o feminismo liberal, sua proposta é de construir um mundo onde há igualdade entre homens e mulheres, postulando a liberdades das mulheres no acesso ao mundo público. Ele age de maneira a inserir a mulher no mesmo meio onde estão os homens, sem considerar as diferenças sociais, exploração do trabalho e o capitalismo. (Joanne BOUCHER, 2003, p. 278) O problema desta vertente estaria no papel pouco emancipatório e transformador das condições sociais. Ou seja, seria um feminismo excludente, onde mulheres negras e periféricas não teriam suas necessidades atendidas. A visão de Betty Friedan sobre as mulheres estadunidenses, não inclui as demais mulheres, da década de 1960, que enfrentam problemas diferentes das mulheres suburbanas donas de casa. Rosemarie Tong afirma: “Friedan parecia alheia a quaisquer outras perspectivas além das mulheres brancas, de classe média, heterossexuais e educadas, que consideravam os papéis tradicionais de esposa e mães insatisfatórios.” (Rosemarie TONG, 2009, p. 28)

Muitas outras feministas compartilharam da mesma crítica, levantando a problemática contida na vertente liberal do feminismo, onde há a exclusão de outros perfis femininos e realidades distintas das mulheres. Apesar do efeito positivo das reformas liberais na vida das mulheres, não devemos confundir com a erradicação do sistema de dominação. Segundo hooks, essa falta de preocupação com a erradicação da dominação se compara com a crença do feminismo liberal, de que a mulher pode se igualar socialmente aos homens sem desafiar e modificar a base cultural que promove a opressão do grupo feminino. Seria essa crença que impediria com que o feminismo liberal pudesse, um dia, alcançar um objetivo. (EISENSTEIN apud HOOKS, 2019, p. 50)

Simone de Beauvoir, com sua obra mais abrangente, conseguiu alcançar um número maior de mulheres. Com a vertente de um feminismo existencialista, a autora francesa, relutou muito para se intitular feminista; assumindo seu posicionamento somente aos 68 anos de idade. Com toda a sua modéstia, Beauvoir não se deu conta de que suas obras, em especial *O Segundo Sexo*, contribuiu nas lutas feministas que tornaram possível o Ano Internacional da Mulher. (MORAES, 2019, p. 1)

O Segundo Sexo é uma investigação endereçada a descobrir a existência das mulheres na sociedade patriarcal como uma existência degradada e destaca os diferentes elementos que interferem e intervém na liberdade feminina. Também analisa a questão de condutas de “cumplicidade” feminina, onde a ação é uma falha moral. A desigualdade entre os gêneros, segundo a autora francesa, é algo construído; sua proposta fornece ferramentas para o desmonte dessa diferença entre homens e mulheres, proporcionando um convívio livre e igualitário.

Buscando observar os diversos alcances de sua visão feminista, Michel Kail (Michel KAIL, 2006) destaca que a sua proposta filosófica é intrinsecamente política, visto que seu objeto de investigação no Segundo Sexo está voltado a opressão sofrida por mulheres. A partir do momento que o poder

do opressor é a capacidade dos dominadores impedir que os dominados realizem sua transcendência, a proposta de eliminação desse estado de coisas deve ser considerada em uma dimensão temporal. Isto permitiu estabelecer uma aproximação muito forte e básica com o MLF (Mouvement de Libération des Femmes) nos anos 1970, articulando assim, seu pensamento filosófico com ativismo político. (Tereza PARDINA, 2009, p. 105)

Apesar do *Segundo Sexo* não ter, inicialmente, intenção política, a obra tem uma carga de responsabilidade, uma vez que sua filosofia nos leva a refletir sobre uma realidade que necessita ser contrariada. Se refere a uma filosofia de ação, e nos convida a exercer a liberdade e a autonomia a cada qual. O IV capítulo do livro *Segundo Sexo: a experiência vivida*, é todo voltado para o caminho da libertação feminina, onde as vias propostas pela autora seriam, de início, a independência econômica e independência afetiva das mulheres. E como alcançar esses objetivos? Através de uma educação igualitária, onde as diferenças sejam somente as individuais, e não por gênero. (PARDINA, 2009, p. 106)

O objetivo filosófico, apesar de destinado a uma mudança individual de comportamento, também se destinava a uma mudança da sociedade como um todo. A mudança só seria possível se fosse coletiva. A importância da coletividade se consolidou nas propostas de Beauvoir através da sua união com a MLF e em sua participação na militância política feminista, que significaram para ela um desabrochar natural de uma tomada de consciência pessoal e política do valor do feminismo como teoria crítica e como prática política. O recebimento de cartas de mulheres agradecendo pela autora ter escrito sobre suas vidas, suas condições econômicas e afetivas, sobre suas vidas oprimidas e sobre a consciência de sua subvalorização, contribuíram para a crescente participação de Beauvoir na luta coletiva. (PARDINA, 2009, p. 106)

Através de *O Segundo Sexo* tomei consciência da necessidade da luta. Compreendi que a grande maioria das mulheres simplesmente não tinha as escolhas que eu havia tido; [...] Mas assim como para os povos dominados

econômica e politicamente, o desenvolvimento da revolução é muito difícil e muito lento. (BEAUVIOR, 1976)

Aos 71 anos de idade, Simone de Beauvoir se encontrava mais participativa do que nunca em sua luta junto ao movimento feminista. Aderiu a uma perspectiva política de esquerda, vinculada ideologicamente com o conselho editorial da *Questions Féministes*, um jornal francês a que ela empresta seu apoio político e seu nome como “directrice de publication”. (SIMONS, BENJAMIN, 1979, p. 332) Em uma entrevista mais recente, Simone de Beauvoir definiu essa escolha pela visão esquerdista feminista como:

É a esperança de que a história traga para a sociedade mudanças mais profundas do que já apareceram, mudanças que realmente transformarão as relações entre homens e mulheres, entre os homens e entre as mulheres - tudo o que permaneceu mudou apesar da coletivização e nacionalização dos meios de produção nos países socialistas. Esse é o esquerdista esperança.” (DAVID, 1979, p. 83)

O feminismo, na visão de Simone de Beauvoir, seria um movimento de esquerda, que tem o papel radical de transformar a sociedade. Contudo, a esquerda socialista, focada na emancipação do proletariado, não necessariamente garante a emancipação e igualdade entre os gêneros. Em uma entrevista em 1976, ela havia detalhado essa confusão feita entre a emancipação socialista e a emancipação feminina:

Mas foi dentro do movimento anti-imperialista que a verdadeira consciência feminista se desenvolveu. Tanto no movimento contra a Guerra do Vietnã nos EUA quanto logo depois da rebelião de 1968 na França e em outros países europeus, as mulheres começaram a sentir seu poder. Ao compreender que o capitalismo leva necessariamente à dominação dos povos pobres em todo o mundo, milhares de mulheres começaram a aderir à luta de classes — mesmo quando não aceitavam o termo “luta de classes”. Elas se tornaram ativistas. [...] uma vez dentro da luta de classes, as mulheres perceberam que a luta de classes não eliminava a luta de sexos. Foi nesse ponto que eu mesma tomei consciência do que acabei de dizer. [...] Dê uma olhada na União Soviética ou na Tchecoslováquia, onde (mesmo se nós estivermos dispostos a chamar esses países de “socialistas”, e eu não estou) há uma confusão profunda entre emancipação do proletariado e emancipação da mulher. De alguma forma, o proletariado sempre termina sendo constituído de homens. Os valores patriarcais permaneceram intactos, tanto lá quanto aqui. E isso — essa consciência entre as mulheres de que a luta de classes não engloba a luta de sexos — é que é novo. (BEAUVIOR, GERASSI, 1976)

Por meio de sua visão e participação política, Beauvoir conseguiu apontar alguns problemas contidos em ambas vertentes – tanto na direita quanto na esquerda. Na direita conservadora, não há interesse de revolução por parte das mulheres, uma vez que a intenção é conservar a sociedade como está. Contudo, quando as mulheres são agitadoras, conscientes dessa desigualdade entre os gêneros, elas desejam estar no topo, mas também estão dispostas a aceitar as propostas do sistema como ele é, e com as pequenas mudanças que são oferecidas a elas. A mulher que luta por igualdade plena, pelo direito de ser tão importante, tão relevante, quanto qualquer homem, é uma feminista, e assim sendo, de esquerda genuína. “[...] em uma sociedade na qual a experiência de cada pessoa é equivalente a qualquer outra, você já estabeleceu automaticamente a igualdade, o que significa igualdade econômica e política e muito mais.” (BEAUVOIR, GERASSI, 1976) A luta dos sexos está incluída na luta de classes, mas a luta de classes não estaria incluída na luta de gêneros. As feministas “estão à esquerda do que nós chamamos tradicionalmente de esquerda política.” (BEAUVOIR, GERASSI, 1976)

A teoria feminista desenvolvida por Simone de Beauvoir avança fortemente em direção ao movimento político da sua sociedade. A ligação entre os temas debatidos academicamente toma lugar na vida pública, transformando-se em um ato político consolidado. Sua participação de forma política se torna inevitável e sua atuação serve de referência ao movimento feminista visto como inadiável no século XX.

A evolução da teoria feminista, também presente na política, carregou muitos aspectos da perspectiva de Simone de Beauvoir do *Segundo Sexo*. Ela sujeitou toda a moda intelectual – dominado pelos homens – à uma crítica rigorosa do ponto de vista feminino: determinismo biológico, psicanálise, marxismo. E, agindo frente ao seu tempo, ela antecipou por um quarto do século – na verdade, plantando as sementes – dos recentes escritos feministas marxistas. Ela sugeriu a redução de Marx e Engels de todas as relações sociais antagônicas às relações de produção, referindo-se a sua incapacidade de

explicar as bases da opressão das mulheres na sociedade (SIMONS; BENJAMIN, 1979, p. 335):

O que é mais grave ainda é que não se poderia sem má-fé considerar a mulher unicamente uma trabalhadora; tanto quanto a sua capacidade reprodutora é importante na economia social como na vida individual; [...] É impossível, vê-se por exemplo, encarar a mulher unicamente como força produtora; ela é para o homem uma parceira sexual uma reproduutora, um objeto erótico, um *Outro* através do que se busca a si próprio. (BEAUVOR, 2016, p. 88)

O Segundo Sexo contribuiu a construção de uma teoria feminista radical⁷ com base teórica; com a insistência de Beauvoir que a maioria dos relacionamentos pessoais e atividades da vida da mulher são inherentemente políticos. Ela apontou todos os aspectos distorcidos vindo de uma ideologia patriarcal, existente culturalmente durante um longo período histórico e reafirmado pela lei, pela religião e pela literatura. Simone de Beauvoir também tinha consciência das situações que dividem as mulheres. (SIMONS; BENJAMIN, 1979, p. 335)

Considerações finais

Apesar do livro ter se tornado o “best-seller” e um precursor da chamada segunda onda do feminismo estadunidense, *A Mística Feminina* apresenta muitas falhas e, até mesmo, um feminismo “pela metade”. O livro representa somente parte do público feminino, se tornando alvo de críticas de algumas outras vertentes. Quanto ao feminismo existencialista de Simone de Beauvoir, percebe-se a complexidade da obra *Segundo Sexo* e a forma abrangente como ele trata as questões relativas as mulheres. Reconhecida até os dias atuais, a obra de Beauvoir ainda oferece muitos desdobramentos e adequa-se aos variados tipos de pensamentos e grupo de mulheres, ainda que de forma introdutória, proporcionando o desenvolvimento dos estudos de gênero e novas ramificações teóricos-científicos.

Os motivos pelo qual *O Segundo Sexo* e *A Mística Feminina* tiveram a mesma fama, contou com a ajuda do poderio e interesses políticos e

⁷ No sentido de ser avançado para a época; provedor de uma descoberta inédita sobre estudos de gênero. Diferente da vertente existente nos dias atuais.

econômicos estadunidense. Apesar da análise da autora estadunidense ser mais restrita do que a da filósofa francesa, os efeitos e a revolução causadas na forma como a sociedade se voltou às questões femininas foram as mesmas.

Os argumentos que separam as duas vanguardistas do novo feminismo, ocorrido nas décadas de 1950 e 1960, são os distintos interesses e públicos alvos. Apesar do livro de Betty Friedan ser mais bem limitado e menos argumentativo do que a obra de Simone de Beauvoir, podemos perceber que o peso de ambos soará de maneira avassaladora sobre as mulheres da época, fazendo com que as duas obras se perpetuassem até os dias de hoje servindo de base aos estudos de gênero.

Observa-se que, através dos avanços dos estudos feministas, provindo da contemporaneidade, foi possível identificar diferentes teorias política feminista. Contudo, em suas várias vertentes, concilia a militância pela igualdade de gênero, com um profundo estudo sobre as causas e mecanismos que colocam as mulheres em posições inferiores aos homens. As vertentes, no entanto, se diferenciam em alguns pontos de interesse, sendo o feminismo liberal de Betty Friedan mais voltado a classe média de mulheres estadunidense, brancas e conservadoras liberais, enquanto a Simone de Beauvoir, através do feminismo existencialista, consegue analisar as diferentes realidades femininas, sem deixar de lado a realidade da mulher trabalhadora e da mulher negra; promovendo assim, um feminismo que tenha uma sensibilidade em relação às diferentes condições de existência das mulheres desprivilegiadas.

Referências bibliográficas

BEAUVOIR, Simone. *O Segundo Sexo: a experiência vivida*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2016.

_____. *O Segundo Sexo: fatos e mitos*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2016.

BEAUVOIR, Simone; GERASSI, John. “The Second Sex 25 years later – Interview with Simone de Beauvoir”. In: *Languages at Southampton University Interviewed*, Society, 1976.

BEAUVIOR, Simone; GUILBEAULT, L. "Le Deuxième Sexe et le féminisme américain", *Les Temps Modernes*, vol. 647-648, no. 1-2, pp. 413-420. Jan -Feb 2008.

DIJKSTRA, Sandra. "Simone de Beauvoir and Betty Friedan: The Politics of Omission". In: *Feminist studies*: FS. Vol. 6, nº 2, pp. 290-303, Summer 1980.

FRIEDAN, Betty. *A Mística Feminina*; - Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2020.

_____. *It Changed My Life*, New York: Rondon House, 1976.

HOROWITZ, Daniel. "Rethinking Betty Friedan and the Feminine Mystique: Labor Union Radicalism and Feminism in Cold War America". *American Quarterly*, Johns Hopkins University Press, v. 48, nº1, 1996.

KAIL, Michel. *Simone de Beauvoir philosophe*. Paris cedex 14: Presses Universitaires de France, 2006.

SALPER, Roberta L. *Female Liberation*. New York: A. A. Knof, 1972 .

SCHWARTZER, Alice. "The radicalization of Simone de Beauvoir", *Ms. I*, nº 1, July, 1972.

SIMONS, Margaret; BENJAMIN, John. "Simone de Beauvoir: An interview". *Feminist Studies*, Michigan, v. 05, n. 02, pp. 26-107, February 1979.

TONG, R. *Feminist thought: A More Comprehensive Introduction*, Charlotte: Westview Press, 2009.

WILLIAMS, Jean C. "Building A Movement: Betty Friedan And The Feminine Mystique". *Radical History Review*, pp. 149-153, April, 2001.

Recebido em Novembro de 2024.
Aprovado em Julho de 2025.